Aula
9

O PODER DA ESCRITA

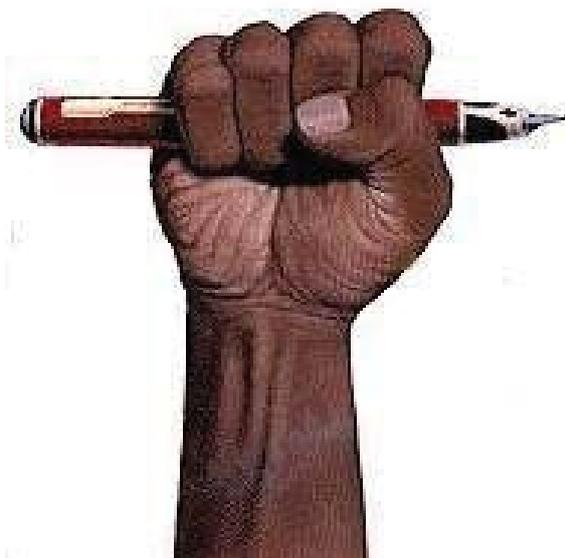
META

Expor pontos de vista sobre as relações de poder estabelecidas a partir da escrita.

OBJETIVOS

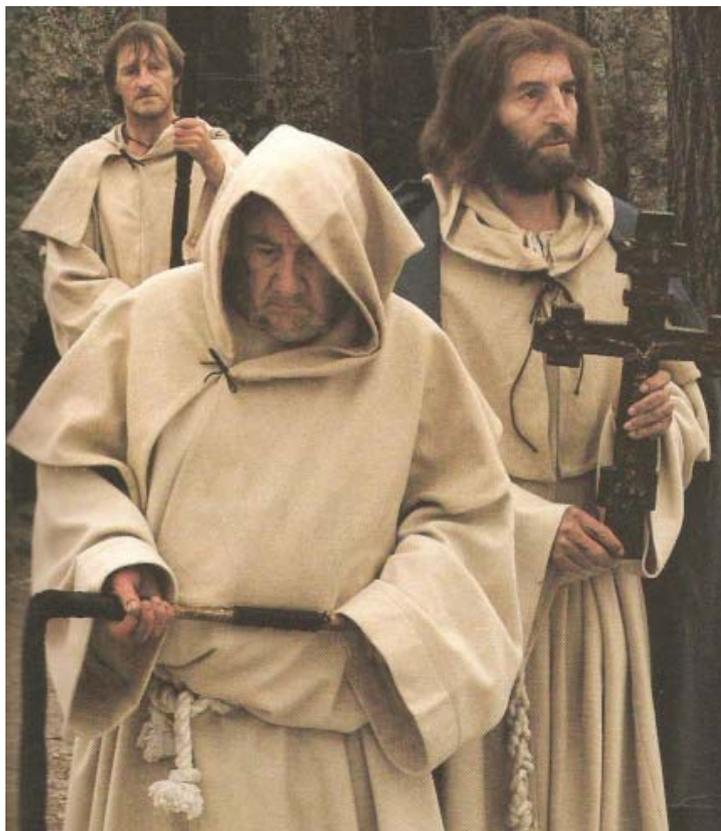
Ao final desta aula, o aluno deverá:
se posicionar sobre o significado social do letramento, observando as relações de poder instauradas a partir da escrita.

PRERREQUISITOS

Para o estudante entender eficazmente essa aula, ele deve ter acompanhado o curso, com a atenção e refletindo sobre os problemas apresentados.

O poder da escrita, que há muito tempo ficou nas mãos das elites intelectuais e reis, hoje tenta estar ao acesso das mãos... (Fontes: http://memorialeliagonzalez.blog.terra.com.br).

INTRODUÇÃO

Sabe-se que, no que se refere à escrita, esta é uma modalidade da língua que não tem sido permitida a todos aprender. Desde tempos imemoriais da Grécia Antiga, a escrita está ligada aos filósofos, à realeza, às elites sociais. Ficou delegada a essas instâncias durante muito tempo, no decorrer dos séculos. As classes populares não tinham acesso a livros, tampouco à leitura. Nesse contexto, se hoje for examinado o número de analfabetos no Brasil, no mundo, ou ainda, se forem examinados os indivíduos não letrados, com certeza, poder-se-ia afirmar que, apesar de todo desenvolvimento universal, a escrita ainda não é de todos. Ou, pelo menos, a imagem de escrita que a Escola perpassa ainda não é de todos.

Embora esse já tenha sido tema de múltiplos trabalhos científicos, o assunto ainda está em voga. Muito se tem falado sobre a escrita no espaço escolar, sobre o fato de alunos, desde o Ensino Fundamental até a Universidade, não dominarem essa modalidade efetivamente. Por que, então, crianças e adolescentes passam tanto tempo na escola e não dão conta da escrita tal como as Instituições de Ensino exigem que deem? O que lhes é solicitado em termos de escrita para que o professor chegue à conclusão de que seus alunos não sabem escrever?

Na Antiguidade, a escrita pertencia às elites intelectuais e aos reis, com o Cristianismo, passou a ser também pertencente ao clero.
(Fontes: http://www.eb23-castelo-maia.rcts.pt)

A INVENÇÃO DA ESCRITA E SUA PROPAGAÇÃO

É nesse sentido que vamos refletir sobre o poder da escrita desde a Antiguidade, além de expormos alguns questionamentos sobre a sua fidelidade. Com a invenção da escrita e sua propagação, duvidou-se, por muito tempo, da sua veracidade enquanto forma de comunicação. O próprio Platão toma o aspecto impessoal da escrita como um traço inferior: em Fedro de Platão, Sócrates põe Fedro em guarda sobre os perigos que o logos escrito comportaria. Sócrates, dialogando com Fedro, remete-o a Troth, um deus egípcio, a quem delegam a invenção dos números e do cálculo, da geometria assim como da escrita. Eis aqui um diálogo entre Troth e Tamuz, governador de todo o Egito.

> ‘Quando chegaram à escrita, disse Troth: Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria’. Responde Tamuz: ‘Grande artista Troth! Não é a mesma coisa inventar uma arte e julgar da utilidade ou prejuízo que advirá aos que a exercerem. Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. Transmites aos teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade, pois eles recebem muitas informações sem instrução e se consideram homens de grande saber, embora sejam ignorantes na maior parte dos assuntos. Em consequência, serão desagradáveis companheiros, tornar-se-ão sábios imaginários ao invés de verdadeiros sábios’.
> SÓCRATES: – O uso da escrita, Fedro, tem um inconveniente que se assemelha à pintura. Também as figuras pintadas têm a atitude de pessoas vivas, mas se alguém as interrogar conservar-se-ão gravemente caladas. O mesmo sucede com os discursos. Falam das coisas como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa. Uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda parte, não só entre os conhecedores mas também entre os que o não entendem, e nunca se pode dizer para quem serve e para quem não serve. Quando é desprezado ou injustamente censurado, necessita do auxílio do pai, pois não é capaz de defender-se nem de se proteger por si.
> FEDRO – Também neste ponto tens toda a razão.
> SÓCRTATES: – Examinemos agora uma outra espécie de discurso, irmão legítimo dessa eloquência bastarda: vejamos como nasce e

> quanto ele é superior e mais poderoso que o outro.
> FEDRO: – A que discurso te referes, e como nasce ele?
> SÓCRATES: – Refiro-me aos discurso conscienciosamente escrito com a ciência da alma, ao discurso que é capaz de defender a si mesmo e que sabe diante de quem convém falar e diante de quem é preferível ficar calado.
> FEDRO – Estás falando no discurso vivo e animado do homem sábio, do qual todo discurso escrito poderia ser chamado com justiça um simulacro?
> SÓCRATES – Exatamente [...].
> SÓCRATES: – Ora, podemos nós dizer que quem possui o conhecimento do justo, do belo e do bom dará às suas sementes um uso menos judicioso do que o camponês?
> FEDRO – Não.
> SÓCRATES: – Tu bem vês que aquele que conhece o justo, o bom e o verdadeiro não irá escrever na água essas coisas, nem usará um caniço para semear os seus discursos, pois eles se mostrarão incapazes de ensinar eficientemente a verdade.
> FEDRO: – Provavelmente não fará isso.
> SÓCRATES: – Claro que não. Naturalmente, semeará nos jardins literários apenas por passatempo. Se escrever, será na intenção de acumular para si mesmo um tesouro de recordações para a velhice, se chegar até lá; porque os velhos esquecem tudo. Escreverá também para os que caminham na mesma rua com ele, e se alegrará vendo crescer as tenras plantas. E, enquanto outros se divertem em banquetes e prazeres semelhantes, esse homem se recreará com as coisas que mencionei.
> FEDRO: – Mas, Sócrates, estás comparando com divertimentos vulgares a belíssima atividade de um homem que deleita em escrever discursos sobre a justiça e as outras virtudes!
> SÓCRATES: – É verdade, meu Fedro! Mas acho muito mais bela a discussão dessas coisas quando alguém semeia palavras de acordo com a arte dialética, depois de ter encontrado uma alma digna para recebê-las; quando esse alguém planta discursos que são frutos da razão, que são capazes de se defender por si mesmos e ao seu cultivador, discursos que não são estéreis mas que contém dentro de si sementes que produzem outras sementes em outras almas, permitindo assim que elas se tornem imortais. Aos que as levam consigo, tais sementes proporcionam a maior felicidade que é dado ao homem possuir.
> FEDRO: – Na verdade, isso é muito mais belo.

Como vimos acima, Platão já advertia sobre o poder que a escrita poderia assumir na sociedade. E isso foi, desde a Antiguidade Grega, o que ocorreu. Se, naquela época, a escrita pertencia às elites intelectuais e aos reis, com o cristianismo, passou a ser também pertencente ao clero. Mesmo

no século XX, com o advento da industrialização, do capitalismo, a escrita também corrobora o poder das classes dominantes, pois nessas sociedades, o conhecimento passa a ser um produto, algo pronto e acabado que pertence ao outro e não uma produção, que se constrói com a colaboração do outro. Além do mais, com a competitividade inerente a tais sociedades, a Escola também assume o discurso de competição. No dizer de Azevedo (2000), a **mercoescola** incorpora as características de ideologia neoliberal, reduzindo os interesses do educando ao mercado. Tal ideal subjaz ao neoliberalismo, a partir do qual se organizam as relações de trabalho, da economia e, consequentemente, de mercado. Como bem argumenta Azevedo (2000, p. 47):

> Esta visão elaborada pelo corolário neoliberal afirma a educação como uma mercadoria a mais, um bem que pode ser comprado, vendido ou consumido no mercado educacional. O mercado educacional garantirá a hierarquização da qualidade do serviço colocado à disposição dos usuários, ou seja, dos consumidores. A mercoescola é o ajuste neoliberal na educação. [...] O currículo da mercoescola é visto como uma estratégia para integrar as novas gerações às demandas do mercado.

Quem não pode pagar por uma educação "de qualidade" está exposto à exclusão da educação. No entanto, mesmo aqueles que podem pagar por ela vão receber uma educação moldada nos bens do capital. Sob essa perspectiva, a escrita, que é principalmente ensinada na escola, refletirá toda a ideologia a ela imposta, observando-se ainda uma imposição de normativização que, por conseguinte, nega-lhe as diferenças dialetais, subjugando os falares desprestigiados. Assim, as convenções, a normativização e o próprio discurso das classes dominantes são impostos às classes subalternas, acentuando ainda mais a visão de competitividade, na medida em que se afirma que a aquisição do conhecimento, da escrita, instrumenta o sujeito para a própria vida.

Nesse contexto, alfabetizar-se significa adquirir um conhecimento pronto, acabado. E isso se torna imprescindível para as leis do mercado. Alfabetiza-se, então, o indivíduo para ser produtivo ao sistema e ler passa a significar compreender as instruções dadas pelo professor, pelo chefe, na escola, no trabalho. Consequentemente, o estudante "não-lê-não-escreve", mas passa a repetir estruturas modelares, estereotipadas da escrita. Dessa forma, não se constitui sujeito do seu próprio discurso e a escrita passa a ser apenas um instrumento de adestramento do sujeito para incorporá-lo a um mundo já formulado.

Considerações em torno do poder da escrita já foram mencionadas em trabalhos de Gnerre (1987), Osakabe (1988), Terzi (1997). Eles compartilham com a visão de que a escrita corrobora os ideais da sociedade capitalista, na medida em que aprender a ler e escrever é adquirir não só um código, mas também um discurso da camada social privilegiada.

> A alfabetização seria o passo decisivo para que grandes massas mergulhadas nas culturas orais abandonassem valores e formas de comportamento “pré-industrial”, se tornassem mais disponíveis para processos de industrialização e cooperassem de forma ativa no processo de expansão do poder do Estado. (GNERRE, 1987, p. 32)

Segundo Terzi (1997), quando investigados, os alunos das classes subalternas afirmam que a tarefa de saber ler e escrever é importante para o ser humano, mas não sabem justificar tal afirmação, pois atribuem-na ao fato de ajudar os analfabetos ou ao de ler bilhetes e tarefas escolares. A escola, por sua vez, sempre analisa os estudantes advindos dessas classes sociais como sendo deficitários em relação ao ensino-aprendizagem, porque estão distantes dos padrões estabelecidos por essa instituição, os dos grupos de prestígio. Assim, para as classes não-letradas, a escola, como instituição representante da sociedade, é muito responsável por essa condição de “desvalorização” da escrita e da leitura, dada a exposição do educando a uma condição de desprezo e de humilhação, porque considera a variação linguística por eles falada como sendo sem valor e como se a única aceita fosse a língua legítima (BOURDIEU, 1996).

Ademais, os pais não os podem ajudar porque poucos fazem parte do mundo letrado. Para alguns pais, “[...] é importante saber ler e escrever para obter um emprego melhor, e é importante saber ler e escrever porque o analfabeto é menosprezado na sociedade” (TERZI, 1997, p. 51). Já outros pouco valor atribuem à educação formal e, quando o fazem, agem conforme o que lhes fora inculcado, pois não cooperam para que seus filhos sejam bem sucedidos na escola. Há, então, um descrédito predominante na comunidade adulta das favelas e isso, provavelmente, também é adquirido pelos jovens.

CONCLUSÃO

Esse é o aspecto social da alfabetização sobre o qual falamos na aula 08. Isso significa que, além de superar os limites das possibilidades individuais no que diz respeito às capacidades e às habilidades inerentes a cada indivíduo, este tem que vencer os obstáculos sociais subjacentes à ideologia dominante. Nesse sentido, alfabetizar letrando impõe um grande desafio para aquele que se posiciona em relação a essa perspectiva. Diante disso, você deve ter entendido o problema que mencionamos ao mostrar que a linguística se propõe a articular dinamicamente os momentos em que o aprendiz descobre a escrita, em que começa a aprender a escrever e aquele em que usa efetivamente a escrita. Isso porque esse ciclo vai além de aspectos aquisicionais e se configura como político-ideológico. Enfim, aprender a escrever também inclui uma perspectiva política de mundo. Como bem defende Cotello (2010):

> Ao permitir que as pessoas cultivem os hábitos de leitura e escrita e respondam aos apelos da cultura grafocêntrica, podendo inserir-se criticamente na sociedade, a aprendizagem da língua escrita deixa de ser uma questão estritamente pedagógica para alçar-se à esfera política, evidentemente pelo que representa o investimento na formação humana.

RESUMINDO

Ao longo desta aula, colocamos as reflexões sobre a escrita, desde tempos imemoriais. Neste sentido, citamos Platão, em um diálogo com Sócrates sobre a questão da escrita. Além desse filósofo, trilhamos caminhos relacionados a aspectos político-ideológicos sobre o poder da escrita no mundo. Com efeito, inserimos a escrita em um quadro neoliberal, observando as relações de poder perpassadas por ela.

ATIVIDADES

Após ler o diálogo entre Fedro e Sócrates reflita sobre a função da escrita na sociedade . Responda as questões abaixo:
1. Em que medida a escrita de um texto ou de um livro perpassa as intenções do autor?
2. Em que medida o leitor consegue produzir sentido a partir da materialidade linguística?
3. O que você entende sobre o fato de a escrita ser um simulacro? E sobre o fato de a escrita ser independente. Ela "seria" independente de quê?
4. A que podemos atribuir o poder da escrita?
5. A que visão fica restrita a escrita na perspectiva neoliberal?
6. Diante desse contexto, como se situa a escola?

AUTOAVALIAÇÃO

1. Após ler essa aula, posicione-se em relação a o que significa o (a) alfabetizador (a) alfabetizar letrando.

PRÓXIMA AULA

Encerraremos a nossa exposição fazendo uma reflexão final sobre o ensino de Língua Portuguesa nas escolas, já que o problema de alfabetizar diz respeito a adquirir uma língua.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. C. de. **Escola cidadã: desafios, diálogos e travessias**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. Trad. de Sergio Miceli (et ali). São Paulo: Edusp, 1996. p. 9 – 52 (Título original: Ce que parler veut dire: L'economie des échanges linguistiques)

BRITO, P. L. Em terra de surdos-mudos. in. **O texto na sala de aula. Leitura e produção**. Paraná: Assoeste, 1991. p. 109 - 119.

COTELLO, S. M. G.(FEUSP): **Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita**. in: http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm, acessado em 01/02,às 14h 52min

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 91p.

PLATÃO. "Fedro". São Paulo: Martin Claret, 2003

OSAKABE, H. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. in: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura e crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 148 -152.

TERZI, S. B. **A construção da leitura. Campinas**: Pontes, 1997. p. 20 - 35.